



**AS RELAÇÕES SOCIAIS, HUMANAS E VIRTUAIS NA
CONTEMPORANEIDADE: resenha do livro *Corpo, arte e tecnologia*
organizado por Eneida Maria de Souza, Antônio Luiz Assunção e
Melissa Gonçalves Boëchat**

Adrielly Vilela¹ & Milena Nolasco²

Meu corpo não é meu corpo,
é ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
e é de tal modo sagaz
que a mim de mim ele oculta.

Carlos Drummond de Andrade³

A modernidade agora
vai durar pra sempre, dizem
toda a tecnologia
só pra criar fantasia

Arnaldo Antunes, Marisa Monte, Dadi Carvalho⁴

Na primeira epígrafe que dá início a este texto, temos o corpo mencionado por Drummond justamente em relação com a arte, e essa relação se encontra na

¹ Adrielly Vilela é Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens, da UFMS, concentração em Teoria Literária e Estudos Comparados.

² Milena Nolasco É Graduanda do 4º semestre do curso de Letras, habilitação – português/ inglês, pela UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – campus de Campo Grande – MS.

³ DRUMMOND. *As contradições do corpo*, p. 11.

⁴ ANTUNES; MONTE; CARVALHO. *Dizem (quem me dera)*.

concepção de que o corpo assim como a arte é algo inacabado. Ponto este que assim como o corpo se faz bastante pertinente no trabalho realizado por Eneida Maria de Souza, Antônio Luiz Assunção e Melissa Gonçalves Boëchat, em *Corpo, arte e tecnologia*. Na epígrafe seguinte, Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Dadi Carvalho compõem a canção “Dizem (quem me dera)”, em que brincam com a relação do homem com a tecnologia. O título do livro que resenharemos aqui, esta é outra relação que encontramos amplamente desenvolvida no decorrer de toda a obra, permitindo-nos refletir como, muitas vezes, essa relação pode ser desastrosa e artificial.

A obra *Corpo, Arte e tecnologia* é uma coletânea que possui 21 ensaios, cujos textos foram apresentados no II Colóquio Crítica da Cultura “Corpo Arte Tecnologia”, organizado pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Observa-se nos ensaios desta obra a questão das aproximações e limites entre *Corpo, arte e tecnologia* analisada a partir de uma visada transdisciplinar.

Além disso, a obra trata também das questões atuais e emergentes como o humanismo, corpos híbridos e heterogêneos, a relação corpo e máquina, as diferentes apropriações da tecnologia e da vida pela arte são abordadas de forma a evidenciar os impasses e cruzamentos entre os discursos. Os artigos privilegiam discussões que tratam sobre a memória criada através dos acervos públicos e pessoais, as relações entre culto dos objetos, corpos dos livros e manuscritos, bem como a relação entre tecnologia e intervenções do corpo e como são organizados esses objetos no espaço do arquivo.

Partindo de uma possível leitura da capa do livro *Corpo, Arte e tecnologia*, Eneida Maria de Souza mostra em seu ensaio, “Retratos Pintados: por uma estética da domesticação”, o acervo de retratos pintados por bonequeiros desses objetos e de como eles se relacionam ao longo da obra. Destaca o acervo dos retratos dos bonequeiros do Ceará, presentes no livro organizado pelo fotógrafo inglês Martin Parr e pelo sociólogo alemão Titus Riedl. “Retratos pintados” justifica-se pela relação de utilização dos recursos tecnológicos como o Photoshop.

Esse trabalho produzido pelos bonequeiros não é considerado obra de arte. Souza indaga acerca de critérios relativos à autenticidade e artificialidade do procedimento utilizado que inspiram artistas de várias gerações. Com o avanço da tecnologia e da globalização, toda manifestação artística local adquire relevância,

em relação ao conceito hegemônico de modernidade, baseado na exclusão de realizações cultural e artística.

A “estética da domesticação” que Eneida relata funciona como “entidades locais as quais tendem a dialogar e a romper a homogeneidade construída por determinados cânones artísticos, além de serem representados em seu aspecto heterogêneo e múltiplo”⁵. Outro ponto ressaltado pela leitura de Souza é o da coleção de retratos pintados que revela a noção de povo, a qual a autora prefere substituí-la por multidão, apoiando-se no raciocínio pós-moderno de Michael Hardt e Paolo Negri desenvolvido no livro *Império*:

A multidão se define, no entender dos teóricos, em “uma multiplicidade de singularidades que não pode encontrar unidade representativa e nenhum sentido; (...) Relacionam ainda a multidão à multidão de corpos, entendendo-se que “cada corpo é uma multidão”: “Cruzando-se na multidão, cruzando multidão com multidão, os corpos se misturam, se tornam mestiços, se hibridizam, se transformam, são como as ondas do mar, em perene movimento e em perene e recíproca transformação”⁶

É possível identificar os recursos empregados pelos bonequeiros na redefinição das fotos que remete aos bastidores de produção dessa arte, que, por conseguinte, contribui para a compreensão de seu processo genético. É importante destacar que essas fotos são capazes de trazer o ausente, reiteram o anonimato por serem de pessoas comuns, pelo desapego de sinais de identidade e exposição na modernidade; são visíveis alguns vestígios de individualidade que permanecem ou são anexados aos corpos desses retratos. Diante disso, é importante preservar o anonimato como a recriação ideológica, a singularidade do corpo é comum, como afirma Souza:

[...] por serem essas imagens a tradução de singularidades que não se destinam a comprovar identidades fixas ou ilusórias, mas que se impõem como seres do desejo, por constituírem uma potência, segundo Negri, construtiva e bem-humorada.⁷

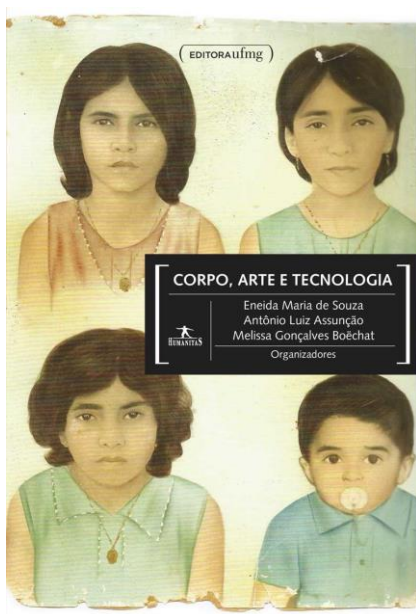
Antes de iniciar a leitura do livro propriamente dita relacionamos a capa do livro com o seu título. Vale explicitar o procedimento dos bonequeiros além de saber que a capa produzida usa também a tecnologia do photoshop para mostrar a estetização dos retratos pintados. Por meio do photoshop é possível rejuvenescer as

⁵SOUZA. “Retratos Pintados: por uma estética da domesticação”. p. 56.

⁶HARDT; NEGRI, 2005 *apud* SOUZA, 2015, p. 63.

⁷SOUZA. “Retratos Pintados: por uma estética da domesticação”. p. 61.

imagens retratadas, aperfeiçoando o acabamento colorido das roupas, adereços e feições. Como é possível visualizar na figura 1⁸ que retrata a foto da capa do livro *Corpo, Arte e Tecnologia*:



224

Fonte: Capa do livro *Corpo, Arte e Tecnologia*

Souza discorre sobre a função desses artistas de incrementar sonhos individuais com promessas de estetização e rejuvenescimentos das fotografias de famílias, e, além disso, destaca a fotografia vernacular que atende a demanda popular da arte dos bonequeiros. Assim como Souza relata:

[...] em que fotógrafos e pintores, na condição de vendedores ambulantes pelo sertão nordestino, irão convencer os habitantes – incluindo-se aí as viúvas e as solteiras – a serem retratados e retocados no melhor estilo possível.⁹

A domesticação da imagem ressalta a inocência e a pureza além da preservação do ambiente natural e paradisíaco. Segundo Souza as regras dos bonequeiros são interessantes e por isso vale ressaltar que:

⁸ SOUZA. *Corpo, Arte e Tecnologia*. s/p.

⁹SOUZA. “Retratos Pintados: por uma estética da domesticação”. p. 57.

[...] ser manipulada pela técnica de embelezamento e de apagamento das marcas naturais de envelhecimento, como rugas e cabelos brancos; quanto às roupas femininas, era preciso cuidar para que não se mostrassem exageradamente sensuais, buscando-se a pintura de blusas monocromáticas ou estampas de flores. Os rostos das crianças deveriam seguir a ideologia religiosa, ao serem pintados como se fossem semelhantes ao do menino Jesus.¹⁰

Entretanto, é possível observar nos retratos pintados a aparência simples das pessoas, simbolizando a classe a que pertenciam e o senso comum. Uma das considerações que Souza faz é a respeito da memória que é um dos significativos fatores para se compreender a prática dos retratos pintados. Além disso, os retratos evidenciavam os valores sociais do povo nordestino daquela época e o desejo de reconstruir e retratar imagens familiares que foram perdidas por motivos, como a morte de uma pessoa ou pela separação de pessoas. Essas fotografias tentam refletir o natural e a realidade do cotidiano do povo.

Eneida Maria de Souza afirma ser “indispensável à aproximação entre a técnica exercida pelos retratos pintados com o artifício de colagem e apropriações dos *ready-made* de Andy Warhol.”¹¹ Outro ponto ressaltado é a caracterização dos perfis autobiográficos que remetem aos retratos simples dos modelos populares. Por fim, as imagens confundem os valores apresentados no original como também na cópia, estabelecendo o exercício do *ready-made*, isto é, na pintura como razão de ser da arte contemporânea.

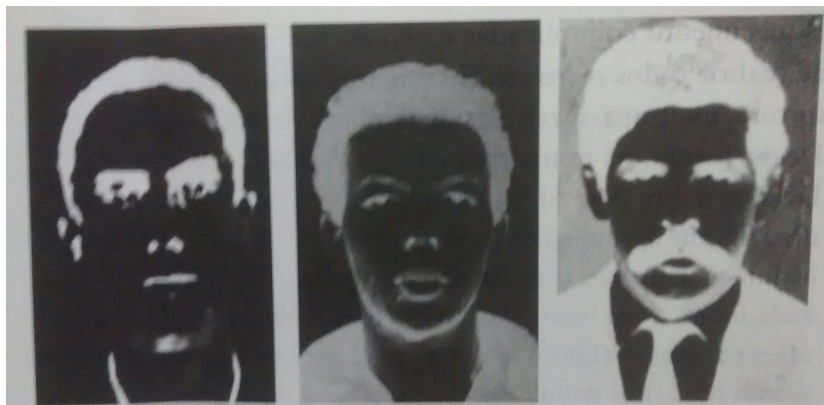
No primeiro ensaio, “Áfricas, modos de usar: a potência de um “ainda menor””, Eneida Leal Cunha traz a discussão a respeito do conceito “ainda menor”, tratado a partir do pensamento de Deleuze e Guattari em seu *Kafka: Por uma literatura menor*, que na década de 70, causou impacto, pois expressava uma possibilidade de comunicação, de corrupção e até de contaminação dentro do campo artístico. Cunha traz uma leitura de *Naete*, que é uma vídeoinstalação do artista plástico Ayrson Heráclito e traz também, a reflexão do processo de inscrição dos signos da africanidade que, por mais que tenham sido instituídos pedagogicamente como constituintes da brasilidade, aparecem sob a incorporação controlada que reverbera um modo de ser subalterno. Eneida Leal Cunha debate

¹⁰SOUZA. “Retratos Pintados: por uma estética da domesticação”. p. 57 e 58.

¹¹SOUZA. “Retratos Pintados: por uma estética da domesticação”. p. 62.

sobre a questão do agenciamento e da possibilidade da enunciação individualizada e centrada para a enunciação da periferia da margem.

No segundo ensaio, “Rosto ou corpo: política ou subjetividade?”, Ana Kiffer inicia trazendo uma discussão sobre as separações instituídas entre rosto e o corpo, a política e a subjetividade para se questionar acerca do modo como um acontecimento consegue tornar a presença na ausência. Kiffer pensa sobre o que ela nomeia intolerável das separações, algo que se demonstra como abertura para o inadmissível diante da experiência do acontecimento. A autora mostra através do trabalho de Raíssa Góes exatamente esse jogo de aparição/desaparição que propõe a artista em trabalho exposto no Espaço Sérgio Porto, no Rio de Janeiro, em 2011, como pode ser visto na figura 2¹²:



Fonte: Trabalho da artista Raíssa Góes exposto no Espaço Sérgio Porto, no Rio de Janeiro, em 2011.

A autora faz a interpretação da exposição de Raíssa Góes de rostos negativizados de desaparecidos políticos da época do regime militar alertando para o jogo de aparição/desaparição exposta nessas fotos invertidas.

Em “Retrato de Família: um corpo é cheio de surpresas”, Maria Ângela de Araújo Resende discorre sobre a satisfação de colecionar objetos que, como forma de restituição da memória, demonstram a busca do corpo em constituir um arquivo aberto. Ademais, o arquivo aberto mostra a desordem da coleção que vai para além dos papéis e dos objetos guardados. Conforme Resende destaca:

¹² KIFFER, Rosto ou Corpo: política ou subjetividade?. p. 37.

Gosto de colecionar. Determinadas coleções. Desorganizadas, mas guardadas. De papéis, artigos de jornal, jornais antigos, fotografias de família, de amigos, de acontecimentos, cartões-postais, fotos de espaços conhecidos ou desconhecidos. (...) guardar, com certa desordem da qual tento me desvencilhar há anos – não dos papéis, da desordem.¹³

Diante desse jogo entre a presença e a ausência, a composição dividida e mosaica de tudo que pode ser encontrado no arquivo, na desorganização dos objetos, permite a reconstrução do fio tênue em que o colecionador de vidas se equilibra.

Em “Humanos, demasiado humanos, transumanos”, Antônio Luiz Assunção aborda as classificações das subjetividades humanas e a função que a tecnologia postula nesse devir do humano. O autor alega que o transumano surge porque como humanos, demasiado humanos, os indivíduos têm como herança a inquietação e a insatisfação diante do efêmero e do inconcebível. Assunção disserta sobre as leituras de filmes como *2001: uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick, *The Colossus of New York*, uma produção de Eugène Lourié, *Donavan’s Brain*, *The Brain that Wouldn’t Die* e *A pele que habito*, uma produção de Pedro Almodóvar. O autor abarca o processo de subjetivação que a tecnologia e também sua atuação acerca do corpo que atribuem aos seres humanos. Segundo o autor:

Esse olhar do corpo como mediação, parece-me, organiza esse pensar a tecnologia, bem como essa possibilidade de pensar o humano, o pós-humano e, por fim, esse trans-humano que, mais do que se aproxima, se institui, se inscreve nesses tempos.¹⁴

No sexto ensaio, intitulado “Corpo e estética na mídia: uma análise do seriado *NipTuck* à luz da linguística de *corpus*”, Bárbara Malveira Orfanò destaca a maneira como os conceitos de estética e beleza são formados no discurso da mídia. A partir do uso do instrumental teórico da linguística de *corpus*, a autora analisa o diálogo de quatro episódios da série *NipTuck*, que foram apresentados na televisão americana em 2010, para tratar da relação entre corpo e beleza e ainda do modo como a mídia trabalha e concebe estereótipos de corpos e de beleza na sociedade contemporânea. Conforme a autora discorre, “a mídia opera e promove estereótipos desafiando e reforçando conceitos relacionados ao corpo/beleza em nossa

¹³ RESENDE, Retrato de Família: um corpo é cheio de surpresas. p. 41.

¹⁴ ASSUNÇÃO. Humanos, demasiado humanos, transumanos. p. 91.

sociedade. Tanto corpo como beleza são conceitos complexos”¹⁵. A cultura dos corpos que procura não recusar a experiência humana do tempo, porém se constitui a partir da memória como forma de sobrevivência.

Em “Os cantos como regimes de suplementação de corpos entre os povos *tĭkmũ’ũn*”, a autora Rosângela Pereira de Tugny mostra os cantos xamânicos. Neste ensaio é possível enxergar a importância dos cantos e narrativas para esses povos, como afirma a autora: “Os cantos que ouço os *Tĭkmũ’ũn* atualizarem com tanto vigor em nossos dias são, na realidade, o registro de todos esses encontros e essas experiências que realizaram com todos os Outros que conheceram”.¹⁶ Rosângela alega que os cantos são documentos e também são registros dos encontros que os indígenas tiveram com outros indígenas, ou não: cantos apontam uma experiência vivenciada, cantos de sobreviventes, conforme os *tĭkmũ’ũn* vivem e podem manter sua existência.

No oitavo ensaio, “O corpo arquivado do craque de ébano”, Marcelino Rodrigues da Silva discorre sobre o conceito arquivo, a partir de Foucault e Derrida, os modos de arquivamento do corpo negro no futebol brasileiro. O “corpo negro nas representações do futebol brasileiro das primeiras décadas do século 20. Excluído, transformado em máscara, fragmentado e mutilado, mas pouco a pouco cada vez mais presente”¹⁷. O autor aborda acerca do desenvolvimento que torna os corpos negros isolados em corpos dizíveis, visíveis e arquiváveis, o que permite que esses corpos entrem na história e se concretizem como memorial do futebol brasileiro.

Em “Corpo, mito e narrativa visual: do corpo suporte à dança-ritual de Oxóssi como gênero discursivo multimodal”, o autor Cláudio Márcio do Carmo apresenta a dança de Oxóssi e a descreve como um texto-discurso complexo que articula semiologia de vários códigos, como pode ser retratado na Figura 1 e 2¹⁸:

¹⁵ ORFANÒ. Corpo e estética na Mídia: uma análise do seriado *Nip Tuck* à luz da lingüística de *corpus*. p. 98.

¹⁶ TUGNY. Os cantos como regimes de suplementação de corpos entre os povos *Tĭkmũ’ũn*. p. 110.

¹⁷ SILVA. O Corpo Arquivado do Craque de Ébano. p. 131.

¹⁸ CARMO. Corpo, mito e narrativa visual: do corpo suporte à dança-ritual de Oxóssi como gênero discursivo multimodal. p. 149.



Figura 1 - Oxóssi



Figura 2 - Rum, rumpi e lé.

Fonte: figuras de Oxóssi; os três atabaques, numa foto feita no Ilê Axé Omolokô Ogbani.

O autor analisa a relevância de se considerar na dança-ritual do Orixá a unidade semântica de um texto multimodal, apresenta seu universo mítico e também todo envolvimento do corpo na presentificação de um passado rememorado.

Em “Poros, pele, o corpo no mundo: estéticas, políticas”, a autora Maria Elisa Rodrigues Moreira discute sobre o estranhamento causado pela exposição de uma faixa em frente a um semáforo que, ao deslocar o funcionamento corriqueiro comum às metrópoles na oferta de produtos, provoca a incitação de novas significações, estabelecendo um novo lugar aos espectadores-cidadãos. A autora discorre:

[...] “intervenções urbanas e ações efêmeras” com vistas a “uma ocupação poética dos espaços”, projetos que “buscam apontar sutilezas, criar imagens poéticas, trazer à tona aspectos da cidade que se tornam invisíveis pela vida acelerada nos grandes centros urbanos”, “reivindicar a cidade como espaço para a arte. Abrir espaços diminutos na superfície da cidade, provocar pequenas brechas no cotidiano, produzir linhas de fuga estéticas, políticas, éticas.”¹⁹

A arte contemporânea pode ser compreendida como uma estética relacional que não possui o objetivo de representar um mundo melhor originário da

¹⁹ MOREIRA. Poros, pele, o corpo no mundo: estéticas, políticas. p. 167.

sensibilidade do artista. Surgem novas colocações enunciativas e uma nova historicidade se institui a partir desse deslocamento, desse estar do corpo no mundo.

Dylia Lysardo-Dias coloca a máquina de escrever, em seu ensaio, como parte de uma memória coletiva social, muitas histórias de grandes escritores foram feitas a partir da máquina de escrever, como as de Charles Bukowski, T.S. Eliot e Ernest Hemingway. Comparada ao coração, órgão vital, a máquina de escrever é tida como um símbolo do escritor mesmo que atualmente já tendo sido substituída pelo avanço da tecnologia, por um objeto mais moderno e prático: o computador. Ainda hoje faz parte da memória social universal, pois apesar da máquina de escrever ter perdido espaço, nos dias atuais, ou ter morrido como é dito no ensaio, a escrita continua viva.

No ensaio “Corpos inscritos: a projeção do corpo no espaço do arquivo” Kelen Benfenatti Paiva relata a exposição permanente na Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, em homenagem ao escritor, que possui como parte de seu arquivo um cubo cilíndrico contendo um pedaço de sua costela, como parte do arquivo. É por esse viés que caminha a discussão do ensaio. “Pensar o arquivo de um escritor como extensão de seu corpo”²⁰, a figura do escritor como parte de seu próprio arquivo, não apenas seus objetos pessoais que durante a vida fizeram parte de sua trajetória e carreira. Jacques Derrida logo no início de seu livro *Mal de arquivo* afirma que arquivo e memória estão relacionados e salienta a necessidade de não limitarmos tais acepções: “Não devemos começar distinguindo o arquivo daquilo a que o reduzimos frequentemente, em especial a experiência da *memória* e o retorno à *origem*, mas também o *arcaico* e o *arqueológico*, a lembrança ou a escavação, em suma, a busca do tempo perdido? [...]”²¹ A partir das proposições de Derrida e da discussão proposta pelo ensaio é possível afirmar que o arquivo é uma forma de retorno às origens do escritor como também preservação e perpetuação de sua memória, ou seja, a extensão de seu corpo já que o arquivo é a extensão deste.

Em “Corpolinguagem: a “natureza” e a cultura”, Edmundo Gasparini discute o estatuto do corpo em relação à oposição que há entre natureza e cultura. Gasparini retoma o texto de Sigmund Freud, *Totem e tabu*, que “aborda a questão da origem da cultura, isto é, a difícil questão da “passagem” da natureza para a cultura.

²⁰PAIVA. Corpos inscritos, p. 192.

²¹DERRIDA. Mal de arquivo, p. 7-8.

”²²Gasparini também se apóia no argumento de Louis Althusser, que aborda a “perspectiva de que a ideologia tem um funcionamento e uma estrutura que se apresentam de forma imutável ao longo da história.”²³ Em relação ao corpo a discussão proposta pelo autor está ligada a questão da “diversidade cultural”. Segundo o autor o que marca cultura é estar afetado por uma falta irremediável.”²⁴ E está aí o ponto crucial da discussão deste ensaio, “essa falta primordialmente a diferença entre natureza e cultura é que “estar na ordem da irremediável com a qual estamos às voltas na ordem da cultura, que permitirá discutir o estatuto do corpo em relação à oposição entre natureza e cultura.”²⁵

No ensaio de Cláudio Guillarduci, “Walter Benjamin e o corpo na infância: o “sem-jeito mandou lembranças””, temos a relação de Benjamin e sua relação com a “literatura de infância”, quando a partir de 1918 começa com sua esposa Dora Sophie Pollak, a produzir uma coleção de livros infantis, por volta de 1926 começa a traduzir Proust e além de seus títulos que privilegiaram a infância como *Velhos livros infantis* (1924), *Visão do livro infantil* (1926), etc. escreve textos em prosa autobiográfica sobre suas experiências em Berlim e Paris.

No ensaio “Literatura, Imagem, Arquivo, História” a autora Melissa Gonçalves Boëchat, trabalha com esses diferentes conceitos que dão título ao ensaio e mostra a possível relação que há entre eles sob uma outra perspectiva, a de mostrar que

“[...] pensamos o mundo em que vivemos, no qual estruturas aparentemente tão distintas como as que compõem esse ensaio são, em algum ponto, interdependentes e, de muitas formas, se entrecruzam, para que se proponha encontrar o caminho que cada uma delas percorre até se unirem em dado momento.”²⁶

Boëchat nos atenta para o fato de que a intersecção entre esses conceitos possam nos levar a refletir sobre um novo tipo de escritura, segundo ela comanda pelo corpo e pelo olhar e materializada pelo uso da tecnologia, assim assume uma forma artística com o passar do tempo que se compõe através de uma imagem, no

²²GASPARINI. *Corpolinguagem*, p. 205.

²³GASPARINI. *Corpolinguagem*, p. 205.

²⁴GASPARINI. *Corpolinguagem*, p. 209.

²⁵GASPARINI. *Corpolinguagem*, p. 209.

²⁶BOËCHAT. *Literatura, Imagem, Arquivo, História*, p. 231.

caso em questão, a fotografia. Segundo a autora apesar de a imagem possuir um poder de registro muito grande, ela também pode comprovar uma deficiência da memória. Na esteira dessa discussão o ensaio nos leva ao fotógrafo americano Shawn Clover, que em seu projeto *Nineteen oh six + Today: The Earthquake Blend* trabalha com a sobreposição de imagens, mesclando passado e presente e expondo a história através da arte.

Adelaine Laguardia trabalha em seu ensaio “Nem isso nem aquilo; Notas sobre a narrativa do corpo “trans”” com a questão do sexo, gênero na cultura ocidental a partir do que reflete Michel Foucault em *Herculine Barbin*. Foucault resalta a questão do gênero e da figura do travesti (assombro do século 18), e ainda menciona a obsessão pelo hermafrodita no século 19, assim como no século 20 se constitui a figura do transexual e da cirurgia para a mudança de sexo. A autora traz ainda para o bojo de sua discussão a filósofa Judith Butler que trabalha a questão gênero, e sua construção dentro de um sistema formado por binarismos. Além de citar diversas obras escritas por transgêneros e transexuais e contar com diversos teóricos e trabalhos sobre a questão da identidade e do corpo trans, um assunto que se faz bastante pertinente nesse momento para as sociedades ao redor do mundo, temos um importante trabalho que traz uma questão a ser discutida e avançada, por aqui.

232

Aproveitando o bojo de discussão de gênero temos agora um discurso de cunho feminista que dá voz a personagem Fevvers da obra de Angela Carter. Luiz Manoel da Silva Oliveira fala de “Arte, e realismo mágico na corporeidade *freakish* de Sophie Fevvers em *Nights at the circus*”, discutindo as principais características dessa personagem marcante assim como a narrativa da obra de Carter.

Proporcionando melhor discussão acerca do submundo e de assuntos muitas vezes ignorados pela academia, o livro *Corpo, arte e tecnologia* nos traz mais um ensaio com uma discussão bastante peculiar. A autora Melissa E. Schindler em ““Ser mulher não tem ligação com feminismo nem com opção sexual!”: a teoria em prática num banheiro público” retrata as discussões de cunho feminista que tem surgido de maneira informal em banheiros públicos (muitas vezes de universidades), e nos leva a refletir sobre a necessidade da discussão, os espaços onde ela surge e onde mais deve ser proporcionado tal debate.

Em “Pós-humanismo: corpo e máquina”, Eliana da Conceição Tolentino nos leva a reflexão sobre a relação do corpo humano e das tecnologias, a partir de filmes como *Tempos Modernos* de Charles Chaplin, e filmes mais contemporâneos onde

homem e máquina se hibridizam como em *Robocop* a autora proporciona uma reflexão sobre como a máquina têm afetado o nosso corpo em nosso cotidiano a partir do advento do desenvolvimento industrial e tecnológico.

Anderson Bastos Martins nos propõe em “Eu canto o corpo. Insaciável, bebo seu sangue” uma reflexão acerca da possível relação entre Drácula e Walt Whitman, a partir das leituras da biografia de Bram Stoker escrita por Barbara Belford e de um ensaio do poeta americano Mark Doty, Martins trabalha com as probabilidades e possibilidades do quê e quem poderia(m) ter inspirado a criação de um dos personagens mais marcantes da literatura, o conde Drácula.

O ensaio de Monica Bueno “O “estilo tardio” de Alan Pauls: tecnologias do íntimo” encerra o livro. Com um debate sobre a atual narrativa na argentina, a autora exhibe a partir de Alan Pauls uma nova narrativa que surge, revisando a tradição das narrativas que haviam até então muito influenciadas por Jorge Luis Borges. Assim Pauls se posiciona no universo literário a partir de uma nova perspectiva mesmo sem romper com a tradição borgiana, pois muitas vezes Pauls retoma uma marca do fantástico e do moderno em sua obra, como assim fazia Borges.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANTUNES, Arnaldo; MONTE, Marisa; CARVALHO. *Dizem (quem me dera)*. São Paulo: Estúdio da Casa da Lua, 2013. CD/DVD. sp.

ASSUNÇÃO, Antônio Luiz; BOËCHAT, Melissa Gonçalves; SOUZA, Eneida Maria de. (Orgs). *Corpo, arte e tecnologia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão Freudiana*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

Resenha Recebida em: 13 de maio de 2016

Resenha Aceita em: 26 de maio de 2016

